

CLÁSSICOS DA EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO DO HOMEM

Friederich W. A. Froebel

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Maria Helena Camara Bastos¹

Nas poucas caminhadas que tenho realizado pela educação infantil, dois fatos chamaram-me, reiteradamente, a atenção: a profusão de citações sobre a obra de Froebel, retiradas de fontes secundárias, e a constatação de que as suas obras fundamentais não tiveram tradução no Brasil. O acesso a sua principal obra _ *A Educação do Homem* _ ocorre através de tradução espanhola, do início desse século (1913), e francesa, da segunda metade do século XIX, encontradas em poucas bibliotecas brasileiras.

Com a expansão de cursos, estudos e pesquisas relativas à educação infantil, constata-se um discurso caracterizado por Kuhlmann como: *“o passado teria sido necessariamente atrasado e o que se está fazendo inaugura uma nova era; agora, a instituição será educacional, agora se dará importância ao brinquedo e à brincadeira, agora se começará a atender às necessidades da criança, expressões que, surpreendentemente, podem ser encontradas em textos do século passado”*.²

Essa ilusão do *novo* decorre tanto do desconhecimento da história do seu objeto de estudo como da leitura dos textos *fundadores* que contribuíram à história da infância. Autores como Comenius, Rousseau, Maria Montessori, entre outros, tiveram suas obras traduzidas e publicadas no Brasil, ao longo do presente século. No entanto, com Pestalozzi³ e Froebel não aconteceu o mesmo,

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade de Passo Fundo; Professora Titular em História da Educação no PPGEDU/UFRGS; Bolsista do CNPq

² KUHLMANN Jr., Moysés. Infância e Educação Infantil. Uma abordagem histórica. p. 5.

³ Incontri afirma que Pestalozzi *não teve nenhum de seus textos integralmente traduzidos no Brasil, nem de seus discípulos diretos veio ao Brasil, nenhuma escola ou instituição se inspirou em suas idéias com profundo conhecimento de causa*. INCONTRI, Cora. Pestalozzi: Educação e Ética. p. 126.

encontrando-se somente fragmentos de capítulos de suas obras ou a apropriação de suas idéias através de outros autores, principalmente de traduções de revistas americanas _ nos artigos da *Revista do Jardim de Infância*, publicada no final do século XIX, em São Paulo.⁴

No Brasil, na segunda metade do século XIX, principalmente a partir dos anos setenta, as idéias de Froebel começam a ser divulgadas por: Dr. Joaquim J. de Menezes Vieira, que cria o primeiro Jardim de Infância no Brasil (1875)⁵, e publica o *Manual para os Jardins de Infância*⁶, compilação das idéias de Froebel e Mme. Pape-Carpantier; Joaquim Teixeira de Macedo⁷; Maria Guilhermina de Andrade, que cria o *Kindergarten Modelo*, após permanecer quatro anos nos Estados Unidos aprendendo o método frobeliano, e publica o livro *O Kindergarten ou Jardim de Infância*, ambos em 1888; e pelo Dr. D.J. Bernardino de Andrade que cria jardins de infância para as crianças *pobres*.

⁴ BARARD. *Resumo dos princípios de Froebel*, traduzido por Zalina Rolim, do Kindergarten and Child Culture; WIEBÉ, Edward. *A educação Froebeliana*. Traduzido por G. Prestes, do Paradise of Childhood. *Revista do Jardim de Infância*. São Paulo, nº 2, 1897.

⁵ Sobre o Jardim de Crianças do Colégio Menezes Vieira, ver: BASTOS, M.H.C. *Jardim de Infância: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira*. Passo Fundo: UPF, 1998. mimeo. 23pp.; KISHIMOTO, Tizuko M. *A Pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)*. p.91 a 93.

⁶ *Manual para os Jardins de Infância (1882)*. Compilação, com 239 páginas e 45 gravuras, in- 8. Impresso no próprio Colégio Menezes Vieira e dedicado à esposa D. Carlota. O livro inicia com o retrato e o esboço biográfico de Froebel, fundador dos Jardins de Infância. E uma série de conselhos às jovens professoras. O sumário da obra apresenta: Exposição sobre os Jardins da Infância; os fins da instituição; a razão de denominação de Jardim; o que é o Jardim de Infância em relação à família e Escola; as vantagens que oferece; a sua necessidade no Brasil; resposta a algumas objeções apresentadas julgando difícil a sua nacionalização; o que é que no Jardim de Infância se aprende; a diferença entre Jardim de Infância e as escolas de trabalho; justificação dos passatempos ou brinquedos do Jardim de Infância; os graus que deve compreender a educação froebeliana; plano de um Jardim de Infância; mobília e material necessário; admissão, classificação, número e traje dos alunos; o modo de direção e administração; leis e princípios essenciais reconhecidos e aplicados por Froebel. Ensina o modo de trabalhar os dons de Froebel, apresentando metodicamente todos os exercícios. Termina com a célebre canção escolar de Mme. Carpentier - *Os pequenos artifices*. Contém ainda: introdução das medidas métricas nos materiais de Froebel por M. Raux; método de Leitura de M. de Coster, baseado nos processos psicológicos do Dr. Beneke e que é conforme as idéias de Froebel; o programa e horário do Jardim de Infância organizado pela esposa do autor.

⁷ Joaquim Teixeira de Macedo divulga tanto as idéias de Pestalozzi como defende a criação dos Jardins de Infância, segundo o modelo froebeliano. Sobre ver: MACEDO, J.T. *Organização dos Jardins da Infância*. In: *Congresso de Instrução. Actas e Pareceres*. (1884); COLLICHIO, T. *A Contribuição de Joaquim Teixeira de Macedo para o pensamento pedagógico brasileiro*. (1976)

Poderíamos levantar alguns indícios desse *esquecimento*: sua posição filosófica-religiosa; o escolanovismo que favoreceu mais a divulgação da obra de Maria Montessori e Decroly⁸; as questões políticas que envolveram a proposta frobeliana, sendo-lhe atribuídas intenções *democrático-socialistas*, ameaçadoras ao Estado; a posição romântica⁹ do seu pensamento pedagógico; a questão de escrever em língua alemã, pouco dominada pela intelectualidade brasileira do século XIX, de utilizar uma estrutura de texto – frases longas, intercaladas por outras tantas frases¹⁰; a lenta expansão quantitativa da educação infantil (creches e pré-escolas), no Brasil, ocorrida somente a partir do final da década 1970.

Marz afirma que Froebel foi vítima de numerosas interpretações errôneas. Alguns o consideraram o precursor do movimento pedagógico *a partir da criança*. Ao declarar *ser a criança a medida da humanidade*, seguindo inteiramente as palavras de Jesus, de maneira alguma a absolutizou e muito menos a colocou acima do educador. Os representantes do movimento da escola do trabalho apropriaram-se das suas idéias de *atividade* e de *trabalho*, nas quais viam a possibilidade da auto-experiência e realização do ser. Mas, não compreenderam a idéia frobeliana segundo a qual o valor *humano* do trabalho se baseia no religioso. Ao criar o Jardim de Infância pensava em abolir os asilos de crianças do seu tempo, mas não pensava numa organização social-pedagógica complementar da família, e sim numa *instituição modelo*, em que jovens mulheres, interagindo com crianças, brincando, se preparassem para a sua mais importante tarefa *dentro da família*. Menos compreendidos ainda foram, certamente, os princípios filosóficos-antropológicos da sua pedagogia, desenvolvidos na sua obra principal *A Educação do Homem*. Para ele, essa obra encontra-se hoje infinitamente distante de nós e dificilmente o seu pensamento místico-especulativo tenha ressonância no momento atual.¹¹

Concordando em parte com Marz, acrescentaria que independente da permanência, atualidade ou não de suas idéias, é importante conhecer e refletir

⁸ VASCONCELOS, Mário Sérgio. A Difusão das Idéias de Piaget no Brasil.

⁹ Depois de Rousseau, a maioria dos pensadores é influenciada pelo pensamento romântico, isto é, a natureza humana é sensata, radicalmente boa, e nenhuma circunstância exterior pode entrar o seu desenvolvimento. O que difere em Froebel é que ele percebeu uma influência real sobre a educação da criança. Sobre a perspectiva romântica em Froebel, ver: BROUGÈRE, Gilles. Jogo e Educação (1997)

¹⁰ HEILAND, Helmut. Friedrich Fröbel. In: HOUSSAYE, J. (dir) Quinze Pédagogues. Leur influence aujourd'hui. p. 58.

¹¹ MARZ, Fritz. Grandes Educadores. p.105-111.

trajetória pessoal, pois não forma um todo sistemático, resulta de reflexões marcadas por um período específico de sua vida. Heiland¹⁴ considera que a infância de Froebel é determinante para a sua vida e impregna igualmente sua pedagogia. A orientação fundamental de sua vida foi uma incessante observação de si mesmo, uma introspecção pessoal e uma auto-educação, atitude que constituiu sua autodidática. A ausência da mãe, seu amor pela natureza e a religiosidade cristã marcam sua teoria de educação, que repousa num fundamento cristão, mas aconfessional e não dogmático. Para ele, a utilização do jogo no Jardim de Infância favorece a relação do adulto com a criança, relação essa plena de amor, que a mãe externa durante o jogo com a criança. Paralelamente, sua pedagogia apoia-se nas descobertas das ciências naturais, especialmente a *cristalografia*. Os jogos favorecem, também, a compreensão das leis da natureza pela criança.

Heiland, procurando uma melhor compreensão da pedagogia de Froebel, empreende a tentativa de sistematizar os seus enunciados de forma coerente, dividindo em quatro tópicos:

- como filosofia da educação,
- como pedagogia escolar,
- como teoria do jogo - pedagogia do jardim de infância,
- como pedagogia para a primeira infância - bebê.

Como filosofia da educação, Froebel caracteriza sua pedagogia da *formação contínua e educativa do homem pela unificação da vida em todos os sentidos*. O destino do homem é alcançar a consciência clara de si mesmo. Dessa forma, o homem será mais espiritual, divino e perfeito. Para que o consiga, a educação deve atuar de tal forma sobre o homem que, exercitando o espiritual, fortaleça a consciência do Eu, para que depois possa viver em perfeita harmonia com seu destino.¹⁵

A filosofia frobeliana da esfera representa sua própria teoria da ciência aberta, no entanto, à metafísica. Para ele, é na ciência que se manifesta a produtividade intelectual do homem, a apropriação idealista de mundo pelo homem. A ciência, portanto, é uma parte da Lei cósmica, aquela que cada ser desenvolve seu ser pelos seus opostos/contrários. O conceito de esfera (igual bola) reflete seu interesse pela cristalografia. A gênese necessária e obrigatória de todas as formas cristalinas origina-se de uma só forma fundamental, que serve para Froebel de prova para as ciências naturais da idéia de esfera, e, por sua vez, à filosofia da vida e concepção de educação.

¹⁴ HEILAND, Helmut. Op. cit. p. 51- 68.

¹⁵ PRÜFER, Johannes. Frederico Froebel. p. 55

O esférico é a representação da pluralidade na unidade e da unidade na pluralidade; é a representação da pluralidade que repousa nele e que se desenvolve assim como a retroatividade do todo plural sobre a unidade; é a representação de toda pluralidade a partir da unidade na construção passada e na ação presente. Cada coisa não desenvolve perfeitamente sua natureza esférica se não apresentar e apresente realmente seu ser nele e através dele em uma unidade, em sua unicidade, em sua diversidade... O destino do homem consiste essencialmente em desenvolver, formar, apresentar sua natureza esférica, ou seja, a natureza de ser esférica... A lei esférica é a lei fundamental de toda verdadeira formação do homem".¹⁶

À *Lei da Esfera*, Froebel passa a falar da lei do interior e do exterior, isto é, a lei da conciliação e da união da vida ou da lei da mediação _ exteriorizar o interior, interiorizar o exterior, descobrir a unidade através de cada um deles, essa é a forma geral exterior, na qual exprime-se o destino do homem. Assim, a filosofia esférica de Froebel é uma teoria das ciências e uma teoria de educação, que tanto tem a função de inter-relação entre conhecimento subjetivo e o conhecimento científico, como a função de educação criadora. A formação é um processo de penetração analítica da realidade exterior sobre as estruturas dessa realidade, e, ao mesmo tempo, a auto-apropriação do espírito humano estruturante.¹⁷

A experiência em Keilhau (1817-1831), onde Froebel funda uma *escola de vida em comunidade*, uma escola de trabalho e produção, onde o ensino ministrado é global e científico. Aplica as idéias fundamentais de Pestalozzi, integra a promoção intelectual, a aprendizagem social, o aprofundamento religioso em relação com a ação concreta. Nessa experiência, a preocupação principal de ensino de Froebel é fazer o aluno *compreender que o mundo material das coisas e dos fatos é igualmente espiritual, isto é, submetido às leis e regulamentos, que devem permitir perceber o homem e o mundo como oposição e como unidade, como semelhante em oposição*.

Esse período da experiência em Keilhau é o mais importante da produção intelectual de Froebel. Todos os seus escritos sobre filosofia da educação e descrição de programas de ensino, ele os faz sobre essa prática e fundamenta com a *filosofia da esfera*. É em 1826 que aparece sua obra fundamental, *A Educação do Homem*, que descreve de maneira detalhada sua filosofia da educação, sua teoria do desenvolvimento e a pedagogia escolar aplicada em Keilhau, para o ensino primário. Foi prevista uma segunda parte dessa obra, que

¹⁶ HEILAND, H. op. cit. p.61

¹⁷ Idem. Ibidem. p.62

deveria tratar de cursos especializados para o ensino secundário, mas que não foi escrita. Também, nesse ano, aparece a primeira revista pedagógica de Froebel, o jornal semanal intitulado *As Famílias Educadoras*, com contribuições à vida escolar e familiar de Keilhau.

O jogo é para Froebel tanto a lei da descoberta das leis essenciais de sua filosofia como o meio prático que permite à criança, através dele, exteriorizar as verdades profundas que possui intuitivamente. Assim, “*a descoberta da lei esférica é intimamente ligada ao jogo da bola, em que Froebel pode observar o fascínio que exerce na criança*”. Através do jogo e dos *dons*, a dimensão simbólica do seu pensamento aparece em primeiro plano: “*o mundo da ocupação livre das crianças e dos jovens é pleno de sentido e significação, é simbólico, isto é, suas manifestações exteriores exprimem certos estados ou certos graus de desenvolvimento da vida interior do espírito humano; exprimem as propriedades e as necessidades da essência do homem em si mesmo*”.¹⁸ Assim, o jogo, para Froebel, não é jogo educativo nem projeção subjetiva, mas estruturação cognitiva ao nível da intuição, como uma etapa cognitiva pré-consciente.

Froebel também preocupou-se com a criança recém-nascida e a de um ou dois anos que não frequenta o jardim de infância. Publica várias obras que contêm canções, imagens, jogos para a destreza dos dedos, voltados a auxiliar a mãe. O fundamento dessa pedagogia é o amor maternal.

Para Heiland, *A Educação do Homem*, de Froebel, com sua profunda filosofia da educação, nos oferece um rico testemunho do período clássico da pedagogia, do tempo das Luzes e das primeiras décadas do século XIX. Hoje, não podemos aceitar a filosofia esférica como uma concepção válida de mundo. Mas, as pedagogias resultantes, tanto a pedagogia escolar como a pedagogia do lúdico, são muito atuais -- *um programa de educação do homem para fazê-lo um homem, merece sempre uma reflexão*.¹⁹

CRONOLOGIA

1782 - Nasce em 21 de abril Friedrich Wilhelm August Froebel, sexto filho do pastor luterano Johann Jakob Froebel e de Jakobine Friederike Hoffmann, na Vila de Oberweissbach, do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt, situado na Floresta da Turíngia, região a sudeste da Alemanha. Fica órfão de mãe com menos de um ano de idade.

¹⁸ BROUGÈRE, Gilles. *Jeu et Éducation*. p. 89

¹⁹ HEILAND, H. op. cit. p.68

1792 - Muda-se para Stadtilm, onde faz a escola primária, sob a proteção de um tio materno.

1797 - Aos quinze anos trabalha como aprendiz de um guarda-florestal, o que, sem dúvida, teve grande importância na sua formação espiritual, pois nessa experiência aprendeu a interessar-se vivamente pela natureza.

1800 - Matricula-se na Universidade de Jena, no curso de Filosofia, mas estuda as ciências práticas: matemática, mineralogia, física, química, direito administrativo, silvicultura e arquitetura.

1801 - Volta à casa do pai e trabalha, alguns meses, como guarda-livros de um dono de fazenda, adquirindo alguma experiência em atividades agrícolas.

1802 - Morre seu pai. Em Markt Baunach, ocupa o cargo de escrivão da administração florestal. Muda-se para Bamberg, onde exerce o cargo de auxiliar de agrimensor, cabendo-lhe desenhar mapas.

1804 - Vai para Frankfurt, a fim de estudar Arquitetura.

1805 - Preocupado com a sua subsistência, procura uma vaga provisória de preceptor, na Escola-modelo. O Diretor Gottlieb Anton Gruner, que havia se atualizado com Pestalozzi, em Iverdon (Suíça), inicia Froebel no conhecimento da obra do educador suíço e na descoberta de sua vocação.

1808 - Interessa-se em conhecer pessoalmente a obra de Pestalozzi, permanecendo dois anos em Iverdon, na Suíça.

1811 - Volta à Alemanha, onde estuda Ciências Naturais, na Universidade de Göttingen, e formula, pela primeira vez, sua *filosofia da esfera* -- *Lei Esférica* -- “a exemplo de todas as coisas da natureza, também a tendência dos cristais é a exteriorização do seu centro”, fundamento de sua pedagogia e que influencia sua teoria de educação, pedagogia escolar e teoria do jogo no jardim de infância.

1812- Para aprofundar seus estudos de cristalografia vai para Berlim estudar com o assistente do Professor Samuel Weib, fundador da cristalografia.

1813 - Ante a invasão das tropas napoleônicas (Campanha da Rússia), alista-se como voluntário, onde conhece seus companheiros inseparáveis: Langenthal, Middendorf e Bauer.

1814 - Terminada a guerra, volta à Berlim, a fim de dar continuidade aos seus estudos universitários, e assumir o posto de inspetor do Museu Mineralógico.

1816 - Entrega-se, definitivamente, à educação das crianças, fundando sua primeira escola - *Instituto Geral Alemão de Educação*, transferindo-se para Keilhau (1817 a 1831), de forma modesta, com sua mulher e dois colaboradores.

1820/23 - Publica uma série de brochuras sobre a experiência de Keilhau: *Ao nosso Povo Alemão* (1820); *A Educação corajosa e suficiente, consentânea ao caráter alemão, Princípios fundamentais, meta e vida interna do instituto de Educação de Keilhau, consentâneos ao povo alemão* (1821); *Referências ao Instituto de Educação de Keilhau, consentâneas ao povo alemão* (1823); *Sobre*

a educação alemã em geral e sobre o que há de alemão em especial no Instituto de Educação de Keilhau (1823).

1826 - Publica o livro *A Educação do Homem, arte da educação, da instrução e do ensino, colimada no Instituto de Educação de Keilhau, consentâneo ao povo alemão (Vol 1, até o início da Adolescência)*, onde apresenta e teoriza suas experiências pedagógicas, iniciadas em 1816. Começa a publicação de um jornal - revista semanal - *A Família Educadora*, destinado a divulgar seu sistema de educação.

1827 - Faz uma tentativa de fundar uma outra instituição educativa, em Helba, mas fracassa. Esse projeto previa um conjunto de instituições educativas: uma *Instituição de Cuidado* para orfãos de três à sete anos (precursor do jardim de infância); o *Instituto de Educação Popular*, que comportava uma tendência de educação ergonômica; e outros estabelecimentos, como um colégio, chamado *Escola Politécnica* ou *Estabelecimento de formação à arte, ao comércio e à indústria alemã*, e um liceu, o *Instituto Geral Alemão de Educação de Keilhau*. 1829 - O colaborador de Froebel, Barop assume a direção de Keilhau para preservá-lo da falência.

1831 - A situação política da Alemanha considera subversiva sua obra, tendo que refugiar-se na Suíça. Graças à família von Holzhausen, é convidado a abrir um instituto privado de educação, no Castelo de Watensee. Esse Instituto, no entanto, não se mostrou viável, sendo transferido, depois de dois anos, para Willisau, no cantão de Lucerna.

1833 - Redige o ensaio *Princípios da Educação do Homem*, onde apresenta sua posição pedagógica.

1834/35 - É convidado, pela administração do cantão de Berna, para dirigir um orfanato para pobres. Apresenta quatro projetos, os quais se referem à experiência de Keilhau e insistem na importância da atividade criativa, tendo como ponto de partida “o desenvolvimento natural e harmonioso das faculdades das crianças”, e por objetivo, “o progresso e a felicidade da humanidade”. O orfanato não é criado, mas Froebel é encarregado de formar quatro professores-aspirantes e de dirigir o curso de aperfeiçoamento para professores primários. Posteriormente, lhe é confiada a direção do Orfanato de Burgdorf e a instalação de uma escola primária, inaugurada em 1836.

1835 - Escreve o artigo programático - *O novo ano 1836 exige uma renovação da vida*, onde apresenta a educação esférica da criança em família, o que lhe permite assim redefinir a *família sagrada*.

1836 – Falece sua esposa. Retorna à Alemanha e estabelece-se em Bad Blankenburg. Ao mesmo tempo, cria seu material de ocupações e concentração, ou seja, inventa os jogos ginásticos e as canções de bola, os quais chama de *dons*.

1837 – Funda o primeiro *Jardim de Infância* (*Kindergarten*). Também funda uma fábrica de brinquedos, denominada *Estabelecimento para o cultivo das Disposições Naturais da Criança e do Jovem*. Cria e dirige a revista *Folha Dominical*, onde especifica os objetivos dos brinquedos.

1838 - Projeta a criação de um *Instituto de Formação de Guias da Infância*, inaugurado em junho de 1839. Aparecem os primeiros *dons* com os seguintes cadernos de textos: *Primeiro dom: a pelota como o primeiro jogo do menino*; *Segundo dom: a bola e o dado, como segundo jogo do menino*.

1840 - Dá ao seu estabelecimento de ensino o nome de *Kindergarten*, que serve ao mesmo tempo como escola normal para a preparação de *jardineiras*. Através de escritos e conferências, empenha-se incansavelmente na divulgação das suas idéias pedagógicas.

1844 - Publica a obra - *Mutter und Koselieder - Canções para a mãe que acalenta o seu filho*, dedicado às mães. Várias canções para ajudar a mãe estimular sensorialmente a criança e brincar com ela, no primeiro mês de vida. Para Froebel, sobre os joelhos da mãe deveria começar a educação da criança. Edita *Hundert Ballieder* (Cem canções de Bola); *Cantos Maternos e Carícias*. *Cantigas*. Publica, também, *Introdução para o estudo do terceiro Dom*.

1848 - A partir da Revolução de 1848, Froebel esperava uma ampla implantação do seu jardim de infância. No entanto, a reação política também atinge sua obra, sendo acusado de disseminar idéias perigosas para o Estado e pensamentos ateus. Estabelece seu primeiro contato com a Baronesa Bertha Marie von Marenholtz Büllow, grande incentivadora e divulgadora de sua obra.

1849 - Inaugura em Bad Liebenstein um *Instituto para a unificação total da vida para a formação do homem e seu desenvolvimento educativo*, onde passa a formar as *jardineiras*.

1850 - Passa a viver num pequeno castelo em Marienthal, graças à benevolência do Duque de Meiningen, por recomendação da Baronesa von Marenholtz-Bülow. Cria um Jardim de Infância e funda a revista *Semanário de Friedrich Froebel*, que edita 50 números.

1851 – Casa-se pela segunda vez. A Prússia proíbe o funcionamento dos Jardins de Infância, resultado do movimento clericalista e anti-socialista. O Congresso de Professores, ocorrido em Gotha, convida Froebel a participar, procurando reverter a sua situação política. Passa a publicar a *Revista das Idéias de Federico Froebel*

1852 - Em 21 de junho morre em Marienthal. Sua esposa continua a dirigir o Jardim de Infância, com a ajuda de Middendorf. Entre 1848 e 1852 são criados trinta e um jardins de infância na Alemanha.

1856 - Estabelecidos os primeiros Jardins de Infância nos Estados Unidos da América.

1857 - Na Bélgica, é criado o primeiro Jardim de Infância, graças à difusão do método frobeliano por políticos e jornais liberais, em oposição às tradicionais escolas de guarda e à ausência de formação sistemática de professores.

1860 - Liberação dos Jardins de Infância, na Prússia, e conseqüente difusão do pensamento de Froebel, na Europa e América.

1861 – A educadora Elizabeth Palmer Peabody, grande propagadora da obra de Froebel, abre seu Jardim de Infância, em Boston/EUA.

1872 – O Império Austro-Húngaro considera o Jardim de Infância como compulsório para as crianças com seis anos, e o método Froebel como ensino obrigatório nas escolas normais.

1874 – Criada a Sociedade Froebel para promover os Jardins de Infância.

1875 - Criado o primeiro Jardim de Infância no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. O *Jardim de Crianças*, anexo ao Colégio Menezes Vieira (1875-1887), na Rua dos Inválidos, nº 26, era dirigido pela Sra. D. Carlota Menezes Vieira, esposa do Diretor Dr. Joaquim José de Menezes Vieira. Esse estabelecimento utilizava o material didático de Froebel.

1877 – Em São Paulo/SP, na Escola Americana instala-se a primeira instituição froebeliana, por iniciativa de protestantes, radicados na cidade.

1885 – *A Educação do Homem* é traduzido para o inglês.

1892- Criado em Londres/Inglaterra, o Instituto de Educação Froebel, para ensinar professoras de acordo com o seu método.

1911 – Criado o Jardim de Infância no Deutscher Hilfsverein (Colégio Farroupilha), em Porto Alegre/RS, tendo sido contratada como *jardineira* a Sra. Dorothea Gruber, de nacionalidade suíça, que cursara uma escola para formação de Jardineiras na Alemanha.

BIBLIOGRAFIA

AVANZINI, Guy. (comp) *La Pedagogia desde el siglo XVII hasta nuestros dias*. México: Fondo de Cultura Economico, 1990.

BROUGÈRE, Gilles. *Jeu et Éducation*. Paris: L'Harmattan, 1995.

_____ *Jogo e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUISSON, F. *Dictionaire*. Paris: Hachette, 1911. p. 895-902.

CAMPAGNE, *Dicionário Universal de Educação*. Porto: Lugan e Genelioux, s/d. vol. 2. p.130-137

COMPÈRE, Marie-Madeleine. L'Histoire de l'éducation en Europe. Paris: Peter Lang/INRP, 1995.

D'ARCAIS, Giuseppe F. Introduzione e Note. In: FROEBEL, Federico. L'Educazione dell'Uomo e Scritti Scelti. Padua: CEDAM, 1937.

HOUSSAYE, Jean (dir) Quinze Pédagogues. Leur influence aujourd'hui. Paris: Armand Colim, 1994.

_____ Quinze Pédagogues. Textes choisis. Paris: Armand Colim, 1995.

HUGHES, James. La Pedagogia de Froebel. Madrid: D. Jorro, 1925.

INCONTRI, Cora. Pestalozzi: Educação e ética. São Paulo: Scipione, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko M. O Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____ O Primeiro Jardim de Infância Público em São Paulo e a pedagogia froebeliana. *Educação e Sociedade*. São Paulo, ano XVII, p., 1996

_____ *A Pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)*. São Paulo: Loyola, 1988.

KOCH, Dorvalino. Desafios da Educação Infantil. São Paulo: Loyola, 1985.

KUHLMANN Jr., Moisés. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAHOZ, Purificación. *El modelo froebeliano de espacio-escuela. Su introducción en España*. *História de la Educacion*. n. 10, p. , 1991.

LUZURIAGA, L. Dicionário de Pedagogia. Buenos Aires: Losada, 1966. p.166-168.

MANACORDA, Mário. História da Educação. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1992.

MARZ, Fritz. Grandes Educadores. São Paulo: EPU, 1987.

PINAZZA, Monica. A Pré-escola paulista à luz das idéias de Pestalozzi e Froebel: memória reconstituída a partir de periódicos oficiais. São Paulo: FEUSP, 1997. (Tese de Doutorado)

POPKEWITZ, Thomas. Reforma Educacional. Uma política sociológica. Poder e Conhecimento em Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PRÜFER, Johannes. Frederico Froebel. Barcelona: Editorial Labor, 1930.

_____. Froebel. La vida y la obra del fundador de los Jardines Infantiles. Buenos Aires: Americanas, 1944.

TELLES, Leandro. Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858-1974. Porto Alegre: s/ed., 1974.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. A Difusão das Idéias de Piaget no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ZULUAGA, Isabel. Historia de la Educacion. Madrid: Narcea Ed, 1972.

A EDUCAÇÃO DO HOMEM²⁰

FRIEDERICH W. A. FROEBEL

INTRODUÇÃO

Suscitar as energias do homem – ser progressivamente consciente, pensante e inteligente, ajudar-lhe a manifestar sua lei interior – o divino que há nele – com toda pureza e perfeição, com espontaneidade e consciência – nisto consiste a educação do homem. Ela nos dá, para estes fins, o caminho e os meios.

Conhecer essa lei eterna, adquirir consciência dela, refletir sobre seu fundamento e sua essência, sobre a relação, unidade e vitalidade de seus efeitos, saber da vida e abarcá-la em sua totalidade – nisto consiste a ciência, esta é a ciência da vida. Ela é exposta por seres conscientes, pensantes e inteligentes, e é exercida neles e, mediante eles, se converte em ciência da educação.

A doutrina a que chamamos de educação se refere ao conhecimento dessa lei e à reflexão sobre os preceitos que da mesma se derivam para seres pensantes e inteligentes, com o objetivo de facilitar-lhes a consciência da sua missão e a realização do seu destino.

A arte da educação consiste na livre aplicação desse conhecimento, dessa reflexão, desse saber para a formação e desenvolvimento imediato de seres racionais, porque os prepara para realizar seu destino. O fim da educação é o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação – sã, pura e, portanto, santa.

A sabedoria da vida, e também toda sabedoria, é constituída do conhecimento e de sua aplicação, de acordo com a consciência, de acordo com o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação, pura, santa. Nesse sentido, ser um sábio é realizar a mais alta aspiração do homem e o mais sublime ato de sua liberdade. Educar-se a si mesmo e educar os outros – com determinação própria, liberdade e consciência – é a dupla ação da sabedoria. Nasceu com a primeira aparição do homem sobre a terra; existiu no primeiro brilhar da consciência individual; porém, agora começa a manifestar-se como

²⁰ Esta seção corresponde à Introdução, tanto na versão em espanhol como na francesa. Traduzido por Maria Helena Camara Bastos, do espanhol: FROEBEL, F. *La educación del hombre*. Traducción del alemán por Luis de Zulueta. Madrid: Daniel Jorro Ed., 1913. 454 pp. Algumas dúvidas foram confrontadas com a versão em francês: *L' éducation de l'homme*. Traduit de l'allemand par la Baronne de Crombrghe. Bruxelles: Ferdinand Claassen, Libraire-éditeur, 1881. Deuxième Édition. 393 pp

necessária e como uma exigência humana geral, e, por isso, passa a ser compreendida e praticada.

Desenvolver a educação é o caminho que conduz à vida – o único que guia com segurança à realização das aspirações internas da natureza humana e à realização também de suas aspirações externas –, o único que, mediante uma vida fiel à sua vocação pura, santa, leva à bem-aventurança eterna. Portanto, o divino no homem, sua essência, deve ser, mediante a educação, desenvolvido, exteriorizado e elevado à sua plena consciência. O homem há de alcançar a livre manifestação desse elemento divino, que nele atua, se a expressá-la numa vida consciente e livre. Também a educação, o ensino, devem dar ao homem a intuição e o conhecimento do divino, do espiritual e do eterno que existem na Natureza exterior, que constituem a essência desta Natureza e nela se expressam de um modo permanente.

A Natureza, de acordo com a doutrina humana, deve manifestar-se, mediante um intercâmbio vivo entre os dois – a unidade de lei que existe entre a Natureza e o homem. Por meio da educação, apresentada em sua totalidade – isto é, como ensino, doutrina e educação propriamente dita – o homem deve levar de forma magnânima à sua consciência e à atividade de sua vida o sentimento de que ele, assim como a Natureza, procede de Deus, depende de Deus e em Deus encontra seu apoio e descanso.

Deve, também, a educação conduzir o homem a uma clara visão de si mesmo, da Natureza, da sua união com Deus. Deve elevar-lhe o conhecimento de si mesmo e do homem ao conhecimento de Deus e da Natureza e, mediante esse conhecimento, conduzi-lo a uma vida pura e santa. Porém, para chegar a tudo isso, a educação deve fundar-se e repousar sobre o interior e o mais íntimo da personalidade.

Todo o interior passa a ser conhecido por meio do exterior: a essência, o espírito, o divino do homem e das coisas se conhecem por suas manifestações externas. Por isso, as manifestações externas do homem e das coisas constituem para ele o ponto de apoio de toda educação, de todo ensino, de toda doutrina, de toda a vida que seja testemunho de liberdade – partindo do exterior chega-se ao interior e sobre ele se atua. Todavia, a educação não se contenta em deduzir do exterior o interior, mas busca a essência das coisas, encontrando-a na dupla relação do externo com o interno e do interno com o externo. Essa multiplicidade e pluralidade que ostenta a Natureza não deve levar-nos à afirmação de uma pluralidade de suas últimas causas, de uma pluralidade de deuses, assim como, tampouco, a unidade de Deus nos fará crer em uma homogeneidade da Natureza. Ao contrário, em ambos os casos, a pluralidade da Natureza deve demonstrar-nos a unidade de seu último fundamento – Deus, assim como a unidade de Deus, é a eterna pluralidade dos fenômenos naturais.

Quando não se aplica tal princípio, mas se fala abertamente dele (quando das manifestações exteriores na vida da criança se quer deduzir o íntimo de sua alma), é fácil cair em constantes contradições e debates, perpetuando os erros na vida e na educação. Daí provém, com tanta freqüência, o desconhecimento da verdadeira natureza da criança, do jovem ou do adolescente; daí os fracassos em educação; daí a má inteligência entre pais e filhos, tanto por parte daqueles como por parte destes; daí, finalmente, as inúteis lamentações sobre a má conduta dos meninos, assim como também os elogios indevidos e as falsas esperanças sobre o seu futuro. Por isso, é tão importante esta verdade – a eterna pluralidade dos fenômenos naturais – em suas aplicações para pais, educadores e mestres. Deveriam todos esforçar-se em não afastar-se dela, nem nos seus mínimos detalhes. Assim, se obteriam relações claras, seguras e pacíficas, entre pais e filhos, entre educadores e discípulos, entres professores e alunos – relações que hoje tratamos de estabelecer em vão. Não nos esqueçamos: a criança aparentemente boa não o é com freqüência, porque, em realidade, não quer o bem por livre determinação ou por amor, ou por respeito ou por conhecimento; o menino – exteriormente rude, obstinado e voluntarioso –, o jovem que na aparência não é bom esconde muitas vezes dentro de si, com livre determinação, a mais ativa, vigorosa e sincera tendência à realização do bem. O jovem que parece distraído pode estar concentrado interiormente em uma idéia constante e firme que o impede atender a todo o exterior. Aqui que – originariamente e nas suas primeiras linhas gerais – a doutrina, o ensino e a educação, devem necessariamente adaptar-se, acompanhar a natureza e segui-la, porém nunca prescrevê-la, determiná-la ou impor a este menino ou jovem situações alheias à natureza..

A educação necessariamente há de ser assim porque a ação, não perturbada, do divino há de ser necessariamente boa, e, portanto, não pode tender a outra coisa que não o bem. Dessa forma, o menino – o homem ainda em formação, mesmo inconsciente e semelhante a um produto natural – aspira, em si mesmo e por si mesmo, ao bem de uma maneira determinada e segura, e o faz de forma que particularmente convém à sua individualidade; sente-se, assim, com energias e meios para realizá-la em todas as circunstâncias. O pato, recém-nascido, vai à água, o mesmo que o pinto corre pela terra e a andorinha, assim que se sente com as penas, não pisa apenas no solo mas busca seu alimento no ar. Ambas verdades educadoras – do duplo processo do exterior ao interior e do interior ao exterior, da adaptação respeitosa à espontaneidade de cada ser e a suas respectivas aplicações – encontram sua plena e mais clara confirmação - por muito que as combatamos - quando chegamos a ser homem, a quem mais especialmente se referem.

Em geral, tratando-se de plantas ou animais, nos contentamos em dar-

lhes espaço e tempo, não ignorando que, segundo as leis que regem cada espécie, crescerão bem e adquirirão um belo desenvolvimento. É o que geralmente ocorre com as plantas e animais: se deixados em paz, isto é, se for evitada qualquer influência perturbadora, eles terão um livre e são desenvolvimento. Porém, ao contrário, o homem na sua infância parece ser para o homem um pedaço de cera, uma massa de argila com a qual se pode modelar o que se quer. Homens que correis campinas e hortas, bosques e prados, por que não abris tua alma para escutar o que a Natureza em seu silencioso idioma lhes ensina? Vê como cresce essa planta que, oprimida, afogada, deixa apenas adivinhar suas proporções e interna regularidade. Mudando, veja-a no espaço livre, em pleno campo, e contempla com que força manifesta em sua regularidade a lei interior, como mostra em todos os seus aspectos e partes uma vida harmônica, como vem a ser um sol figurado, uma brilhante estrela da terra. Pais, também teus filhos, que hoje crescem ao teu redor de modo lânguido e antinatural (porque impusestes prematuramente forma e direção contrárias à sua natureza), poderiam ter-se convertido em seres harmonicamente desenvolvidos, que manifestassem em todos os sentidos suas atitudes livremente.

Toda doutrina, educação ou ensino demasiadamente ativos, demasiadamente inclinados à coação, demasiadamente abundantes em prescrições, tendem inevitavelmente a anular, oprimir e perturbar o homem, no que ele tem de espontâneo – de originariamente são –, na obra divina que nele se manifesta. Certo é - para seguir em tudo o ensino da Natureza - que a uva deve ser podada; porém, a poda por si só não dá nenhum vinho. Pelo contrário, é muito fácil que o tronco, tendo sido podado com pouco cuidado, se deteriore e perca, além do seu aspecto frondoso, sua produção, se o camponês não tiver respeitado e seguido toda a estrutura e natureza da planta. Quando se trata de seres naturais e de seu cultivo, sabemos trabalhar com prudência naquilo em que, tratando-se de homens, seguiríamos um caminho inteiramente equivocado. Ainda assim, homens, como as plantas, tiram suas energias de uma única fonte e desenvolvem suas atividades segundo uma mesma lei. Por isso, a contemplação respeitosa da Natureza tem tanta importância para o homem.

A Natureza nos mostra poucas vezes, sobretudo no homem, aquele estado são e primitivo; porém, esta é uma razão a mais para presumir – pelo menos no indivíduo, mesmo que nos seja demonstrado o contrário – que esse estado são e primitivo poderia facilmente ficar anulado, se também nestes indivíduos não forem respeitadas as estruturas e a natureza, que antes existiam em toda a sua pureza. Além disso, a mesma convicção de que a espontaneidade original tenha desaparecido da massa dos homens – a certeza de que disso obtemos o mesmo, se considerarmos mais o exterior do que o interior – devemos confirmar precisamente a necessidade de seguirmos, com todo o rigor, o tipo de educação indicado.

Também, uma manifestação corrompida nem sempre nos mostra o interior do homem; com grande dificuldade, indica qual é o ponto de partida, a fonte de onde arranca e brota a corrupção exteriorizada. A última pedra de toque, a única infalível, está sempre dentro do homem mesmo. Sob esse ponto de vista, educação, doutrina e qualquer ensino devem tender muito mais a seguir a espontaneidade, e a adaptar-se à natureza, do que a prescrever normas e determinar condutas: se predominar unicamente esta última tendência, impedir-se-á o desenvolvimento e o progresso do gênero humano ou, o que é o mesmo, a manifestação do divino no homem e em sua atividade espontânea e livre – único objeto e fim de toda educação e de toda vida.

A educação ativa e diretiva principia propriamente para o homem quando ele começa a viver em união com Deus, quando começa a estabelecer-se em mútua compreensão e intimidade comum de vida entre pai e filho, porque assim a verdade se deriva da essência do todo e da natureza do indivíduo para poder ser sem esforço reconhecida. Entretanto, perturbação, ou corrupção, daquele estado primitivo e são no indivíduo não é conhecida: não se sabe exatamente em que consiste, nem de onde provêm. Para conhecê-la, é necessário rodeá-la de um ambiente, de um conjunto de relações em todos os sentidos, que sirvam para refletir sobre sua conduta, como em um espelho, de tal maneira que imediata e facilmente o próprio menino e as outras pessoas possam conhecer, por atos e por suas conseqüências, o verdadeiro estado de sua alma. Sendo assim, ficam menos perigosas as manifestações dessa perturbação interior de sua vida.

A educação ativa, a que ordena e prescreve, não tem em todo o caso mais do que um destes dois sentidos: ou sugerir pensamentos claros e vivos, a idéia verdadeira, fundada em si mesma; ou bem oferecer algo que sirva de exemplo e de modelo. Porém, o eterno intervém onde exista um pensamento vivo e fundado em si mesmo – de onde se prescreva o que é em si mesmo verdadeiro. Portanto, ao contentar-se com o aspecto passivo da educação – com a educação que se limita a adaptar-se e a seguir –, o pensamento vivo, eterno, divino, pressupõe e exige, por sua própria natureza, a determinação e espontânea atividade desse ser – o homem criado para a liberdade e para a imitação de Deus.

Também aquele que serve de exemplo – que se aceita como modelo de uma vida perfeita – não deve ser tomado, a não ser em sua forma, como padrão mais que em sua essência, em seu impulso elevado. Não há erro mais prejudicial que o de copiar (como deixado em sua mesma forma) tudo aquilo que constitui um exemplo espiritual para o homem. A experiência nos mostra que a cada passo os exemplos, quando convertidos em modelos que têm de ser adaptados rigorosamente, mais servem de obstáculo e estorvo do que de meio de elevação para o gênero humano.

Por isso, mesmo Jesus combateu com sua vida e com seus ensinamentos a adoção servil de modelos exteriores. Só o impulso interno, o espírito, a vida de modelo devem ser imitados, deixando sempre livres a forma e a maneira da manifestação. A vida, a lei, o engano e a maldade, a coação – a mais elevada e perfeita que a humanidade tenha conhecido – são por nós identificados, assim como foram na história de Jesus. Jesus reconheceu e sentiu em si mesmo o fundamento original e primitivo de seu ser, de sua obra e de sua vida, expressando-o com independência e livre atividade, segundo leis e condições eternas, como fruto e consequência do princípio interno eternamente criador. Esta vida exemplar deve ser reproduzida em todos os homens de maneira que cada um se converta também em um modelo para si mesmo e para os demais, manifestando-se, segundo a lei eterna, com liberdade, vontade e determinação própria. Não é, nem deve ser outro o objeto, o fim, de toda educação, doutrina ou ensino. Como vimos, também o mesmo modelo divino e eterno é passivo quanto à forma, e se limita a seguir o discípulo mais para prestar-lhe auxílio do que para dirigir-lhe imperiosamente.

E a experiência nos demonstra que o pensamento vivificador, o eterno e espiritualmente exemplar, tende, por sua própria natureza, a determinar-se e a impor-se – e assim o faz efetivamente em suas manifestações. O pensamento tem exigências absolutas e inexoráveis; porém, só as tem quando essas exigências nascem necessariamente da essência do todo e da natureza do indivíduo e quando o próprio indivíduo pode reconhecer estes caracteres, compreendendo que o modelo se impõe como orgânico e como representação do necessário. Assim, o modelo só exige ser imitado naqueles casos em que se chegaria à mesma conclusão, partindo das próprias exigências do espírito, da fé e da consciência; só deve ser imitado, portanto, durante a infância, naturalmente ingênua, ou em situações muito claras e primordiais da vida adulta. Nestes casos, se impõe o modelo mediante o exemplo e as palavras – porém sempre no que concerne ao espírito e à vida, e nunca no que se refere à forma.

A boa educação, o ensino adequado, a verdadeira doutrina devem, portanto, necessariamente levar à liberdade; a lei, à própria determinação; a coação, à vontade livre; o ódio exterior, ao amor interior. Porém, quando o ódio engendra o ódio; a lei, o engano e a maldade; a coação, a escravidão; a necessidade, a submissão; quando a pressão anula, rebaixa e a carga abrande e envelhece; quando a severidade e o rigor provocam falsidade e rebeldia, desaparece então toda a educação, todo o fluxo saudável da educação, da doutrina e do ensino. Para alcançar o contrário, a educação, a doutrina e o ensino – em suas necessárias imposições e preceitos – devem deixar ver, até os últimos detalhes e de uma maneira evidente, que a mesma pessoa que dirige suprime toda a arbitrariedade e está submetida, com igual exatidão e rigor, a uma lei universal, a uma inevitável e eterna necessidade.

Toda educação e doutrina verdadeiras, todo verdadeiro ensino, qualquer educador e professor digno desse nome deve, em cada momento, em cada uma de suas determinações e exigências, atuar em um duplo sentido: dar e tomar, unir e separar, mandar e obedecer, fazer e suportar, obrigar e ceder, apertar e afrouxar... E o mesmo deve dizer-se do discípulo ou aluno. Porém, é preciso que entre os dois, entre o professor e o aluno, entre a exigência e o resultado, exista invisível um terceiro termo: a eleição do justo, do melhor que pode necessária e logicamente deduzir-se das condições dadas. Esta eleição constitui o terceiro termo, a que por igual devem submeter-se professor e aluno. O reconhecimento deste terceiro termo, sua clara noção, sua aceitação serena e entusiasta, devem manifestar-se do modo mais puro e decidido no educador e no aluno. Geralmente, o menino tem um sentimento claro, uma perspicácia refinada: no ato compreende, e raras vezes se equivoca; se o que o educador, o professor ou o pai manifestam e exigem, responde a um capricho pessoal ou a uma exigência real e objetiva.

Esta entrega, esta submissão a um terceiro termo, que impera igualmente sobre o discípulo e sobre o professor, deve manifestar-se até os últimos pormenores na ação de ambos. Por isso, a fórmula necessária e geral do ensino será "faz isto e observa qual é nesta determinada relação a consequência de teu ato e a que conhecimento te conduz". Assim, também o preceito, para a vida em geral, será para todos o seguinte: "manifesta tua essência *espiritual*, o que em ti verdadeiramente vive, o que é tua vida, expressando-a no exterior e mediante o exterior em tuas obras, e observa o que tua essência reclama e como tem sido realizada". Mesmo Jesus se vale unicamente deste preceito para revelar o divino de sua missão, de sua natureza e de sua vida, para demonstrar a verdade de sua doutrina. Este é o preceito que conduz ao conhecimento da vida e do fundamento e à essência de toda a vida e de toda verdade.

Com isso, se explica e se compreende o seguinte princípio e dá-se o caminho para realizá-lo: "o ensino, assim como o educador mesmo, deve apresentar o individual e o particular como geral, e o geral como particular e individual, comprovando-os na vida; deve exteriorizar o interior e interiorizar o externo e mostrar a necessária unidade de ambos; deve considerar o finito em seu aspecto infinito, e o infinito em seu aspecto finito, fazendo ver como um e outro se unem na vida; deve contemplar o divino no humano, e a essência do homem em Deus, tendendo a que na vida se manifestem justamente". Isso é o que da natureza do homem nasce com tanta clareza e precisão, o que se expressa com tanta evidência, quanto mais o homem penetrar em si mesmo, na natureza da criança e na história do desenvolvimento humano.

É, pois, inegável que o único objetivo, o único fim de toda educação e doutrina consiste no cultivo integral da essência original divina contida no homem, ajudando, assim, que se manifeste o infinito no finito, o eterno no temporal, o

celeste no terreno, o divino no humano e na vida humana. Nesse sentido, único e verdadeiro, deve ser considerado e atendido o homem desde o instante que vem ao mundo ou, melhor ainda, desde que ainda invisível se forma no útero materno, desde que a mãe tem, como Maria, sua Anunciação.

Conforme a sua natureza imortal, a sua alma e o seu espírito, devemos tratar a cada um de nossos semelhantes como uma aparição da divindade sob formas humanas; como nova prova de amor, companhia e graça de Deus; como um dom divino, a maneira como o primeiros cristãos consideraram realmente os seus filhos, segundo podemos deduzir dos nomes que lhes deram.

Assim, desde menino, o homem deve ser tratado como um membro necessário e essencial da humanidade. Os pais devem, como educadores, sentir-se responsáveis ante Deus, ante a humanidade e ante seu próprio filho. Devem, também, os pais considerar o menino em comunhão, em sua relação clara e viva com o presente, o passado e o futuro do desenvolvimento humano, e formá-lo, educá-lo em harmonia com as exigências presentes, passadas e futuras do desenvolvimento da espécie humana. O homem, por sua natureza divina, terrena e humana, pertence por sua vez a Deus, à Natureza e à humanidade. É necessário que nele se considere e se trate uma unidade, uma individualidade, uma pluralidade e que nele se represente ao mesmo tempo o presente, o passado e o futuro. Portanto, nem o homem nem a humanidade, que no homem se exterioriza, constituem uma manifestação já definida e completa, algo fixo e estável, o fim de uma evolução; mas sim um ser que constantemente muda, progride e desenvolve, vive perenemente, disposto sempre a alcançar a perfeição, tendendo para fins que repousam no infinito e no eterno.

Não há critério mais prejudicial que o de considerar o desenvolvimento da humanidade como definitivo e concluído, julgando que ela se limita a tão só estender-se e repetir seus tipos. Com semelhante critério, cada menino, cada geração, seria unicamente uma imitação, uma cópia exterior e morta, algo assim como um vazio no molde das gerações anteriores. Porém, não é assim. Pelo contrário, o novo sujeito, no lugar que ocupa dentro da totalidade da evolução humana, vem a ser um modelo vivo para o futuro e para todas as gerações futuras. Certo é que cada geração, e também cada indivíduo, deve recorrer, e de fato recorre, a todos os estágios sucessivos da evolução anterior e da cultura da humanidade. Se não fosse assim, o homem não compreenderia os seus antepassados nem os seus contemporâneos. Porém, ele não segue esta marcha pelo estéril caminho da imitação, da cópia, mas pelo caminho vital do próprio desenvolvimento e da espontânea formação. Cada homem deve apresentar-se a si mesmo e aos outros como um modelo livre porque, em cada um, existe e encerra a humanidade inteira. Dessa forma, existe em cada um – exposto e manifesto de uma maneira própria, peculiar e única – a essência da humanidade,

a essência de Deus, que podem ser cada vez melhor compreendidas, que podem ser cada vez mais exatas e intensamente pressentidas em sua infinitude, em sua eternidade, na inesgotável pluralidade que nela abarca e nela se encerra.

Este conhecimento do homem e esta reflexão sobre o que constitui sua verdadeira natureza são os únicos que bastam, e que contêm em princípio todos os demais. Deste conhecimento, desta reflexão, brota naturalmente quando necessitamos o saber em uma investigação de consciência para o cultivo e a educação do homem. Unicamente partindo deste critério acerca do homem e da Anunciação de seu nascimento, a verdadeira educação pode prosperar, florescer e dar saborosos frutos.

Agora é fácil deduzir clara e distintamente qual é, antes e depois da Anunciação, o dever dos esposos e dos pais: eles devem ser puros e sinceros em palavras e obras; devem compreender plenamente todo o valor e a dignidade do ser humano; devem considerar que um dom divino está entregue a seu cuidado e à sua proteção; devem ilustrar acerca do fim e do destino do homem e acerca do caminho e dos meios através dos quais podem se realizar. A missão do filho como tal consiste especialmente em desenvolver e aperfeiçoar: a natureza do pai e da mãe, o paterno e o materno, todo o espiritual e sentimental que na consciência dos pais pode existir – mesmo que os pais não suspeitem, não conheçam as atitudes e energias que dormem no fundo de suas almas. De forma análoga, a missão do homem, como filho de Deus e da Natureza, consiste em concordar e harmonizar a essência de Deus e da Natureza, o natural e o divino, o terreno e o celeste, o finito e o infinito. A missão de um filho como membro da família é expressar e desenvolver – de maneira clara, íntegra e harmônica – a essência da família, suas atitudes e energias espirituais. Assim, também o destino e a vocação do homem, como membro da humanidade, pedem que se desenvolvam, aperfeiçoem e manifestem a essência, as energias e atitudes da humanidade inteira.

Porém, para que os filhos e os membros de uma família desenvolvam e expressem como tais a essência dos pais ou da família (essência que até este momento se achava latente, dormindo, incógnita, insuspeita), é preciso que cada um dos filhos ou dos membros da família se desenvolva e expresse a si mesmo, em todos os sentidos, da maneira mais peculiar e pessoal – quanto mais clara e plenamente realize isso, com tanta maior clareza conseguirá aquilo. De um modo análogo, os homens, como filhos de Deus e membros da humanidade, representarão por sua vez a essência comum a Deus e à humanidade (essência que nesta última dorme, não inteiramente conhecida e reconhecida), com tanta maior pureza e perfeição quanto mais peculiar e pessoal seja o desenvolvimento de cada criança, de cada indivíduo humano.

Consegue-se tal estágio quando o homem se forma e se aperfeiçoa

segundo o caminho, segundo a lei que tem seguido e segue em todas as coisas – em sua formação e aperfeiçoamento – lei que rege e governa universalmente – onde quer que se encontrem o ser e a existência, o Criador e a criatura, Deus e a Natureza. A lei é esta: que cada homem expresse sua essência e manifeste a unidade em si mesmo e por si mesmo; a individualidade, sobre algo individual por ele concebido e exteriorizado com especial clareza e plenitude; e a pluralidade, em tudo o que ele produz e executa. Só mediante esta tríplice manifestação – tríplice por sua vez una e unificadora – se consegue plenamente a exteriorização – a exposição, a revelação do íntimo de cada ser. Se um elemento dessa tríplice manifestação se suprime na realidade, ou falta no conhecimento e na reflexão, não é possível uma manifestação completa, perfeita e sem obstáculos. Somente através da manifestação tríplice, se expressa e revela integralmente cada coisa em sua essência e sua unidade; somente a inteligência e o estudo dessa tríplice manifestação – pela qual cada coisa expressa e revela completamente sua essência – conduz à compreensão verdadeira desta essência e ao conhecimento exato da coisa mesma.

Desde seu nascimento, desde sua aparição sobre a terra, o menino deve ser tratado de acordo com a sua verdadeira essência e de modo que possa empregar sua energia com liberdade. A educação não tem de favorecer o desenvolvimento de uns membros a custa de outros, nem o cultivo de umas atitudes tem de prejudicar as demais. Não impeçamos o espontâneo crescimento de seu corpo, oprimindo-o e empacotando-o em estreitos invólucros, nem mais tarde façamos caminhar com andadores. É preciso que o menino, o homem futuro, consiga o quanto antes encontrar por si mesmo seu centro de gravidade, o ponto de equilíbrio de todos os seus membros e energias, movimentar-se ativa e livremente, valer-se de suas próprias mãos, firmar-se e andar sobre seus próprios pés, ver com seus próprios olhos, utilizar de uma maneira adequada e harmônica todos os seus membros. Logo, o menino deve aprender e exercitar a arte mais nobre e mais difícil: saber conservar seu centro de gravidade, o justo meio no caminho da vida – apesar de todos os desvios, transtornos e obstáculos.

A primeira manifestação da criança é a de energia. Porém, a energia provoca resistência; daí as primeiras queixas da criança em repelir aquilo que seus pés tropeçam, ou em repelir os que querem segurar seus movimentos. Paralelamente a estas manifestações, desenvolve-se na criança a sensibilidade do real; por isso, sorri e expressa sua alegria e sua satisfação quando se encontra rodeada de um ambiente agradável, de luz clara e ar puro. Aqui se acha o começo da consciência do próprio ser, o germe da consciência humana: tranqüilidade e inquietude, prazer e dor, riso e choro. A tranqüilidade, a alegria e o riso são indícios de tudo aquilo que a sensibilidade da criança coopera para o desenvolvimento puro, espontâneo de seu ser, do ser humano, da vida infantil e

da vida humana. Estas primeiras manifestações, sua conservação e cuidado devem constituir o ponto de partida da primeira educação e a base de todo o posterior desenvolvimento, aperfeiçoamento e atividade na vida. Pelo contrário, a inquietação, a dor e o choro, já na sua primeira manifestação, denotam o que é contrário à evolução do homem quando criança. Também a educação, quando trabalhada de maneira oposta, isto é, para preveni-los e suprimi-los, acaba por não encontrar os verdadeiros motivos, a raiz de onde originam-se as inquietações. A princípio, mas quase unicamente no início, a intranqüilidade, os gritos e as lágrimas da criança não indicam rebeldia ou má vontade; porém, apontam como a criança começa a se sentir, quais dores e moléstias dependem de algum modo do capricho, do descuido ou da preguiça dos demais. Quando esses tristes sentimentos se fixam na criança, nasce o espírito de rebeldia, a primeira e a mais odiosa de todas as suas faltas, a maior inimiga da própria criança e dos que a rodeiam, falta que dificilmente poderá ser imediatamente corrigida sem prejuízo das melhores qualidades do homem – essas atitudes geram a dissimulação, a mentira, a teimosia, a obstinação, e outros tantos defeitos lamentáveis.

Porém, muitas vezes quando se segue o bom caminho, é possível que estes sentimentos apareçam. O homem, por sua natureza e destino, deve acostumar-se a suportar dores pequenas e sem importância, aprendendo, assim, a resignar-se diante dos maiores e a desprezar as penalidades da existência. Se os pais e as demais pessoas que cuidam da criança têm absoluta segurança de que, apesar de sua inquietude e de seus choros, proporcionam tudo aquilo de que necessita a criança, e que tiraram do seu caminho tudo aquilo que podia prejudicá-la, eles podem e devem deixá-la abandonada a si mesma, dando-lhe tempo para que espontaneamente se acalme – não é bom que a criança se acostume a reclamar e a obter auxílio dos outros para dores fingidas ou qualquer pequena moléstia facilmente suportável. Assim, muitos pais e educadores têm perdido a oportunidade de deixar a criança procurar sozinha seu caminho – e não será fácil recuperá-la pela imposição e pela violência. Os pequenos possuem um pressentimento sutil, uma percepção refinada da debilidade de quem os rodeia. Essa energia originária, que vive e trabalha na criança, se manifesta mais facilmente para dominar os demais quando a fraqueza destes permite, do que para agir e para ter paciência para suportar as próprias doenças.

Neste primeiro período de vida se dá geralmente à criança o nome de bebê, e não pode ser mais exata esta denominação, porque o amamentar constitui sua quase única atividade – todas as demais manifestações citadas, o riso e o choro, se referem geralmente à lactação. Nessa primeira fase, a criança não só toma o peito de sua mãe para nutrir sua vida, como também se esforça para receber através dos sentidos toda a variedade de coisas exteriores que a rodeiam.

Por isso, é tão importante para o homem este primeiro período de crescimento – para o seu presente e seu futuro. Assim, nessa fase, o homem não deve receber nada de mal, ruim, desprezível, equivocado e prejudicial. O olhar e o rosto daqueles que o cercam devem revelar uma serena confiança, expressão da clareza e pureza interiores. Mesmo que outras coisas sejam escassas, não deve faltar à criança ar puro, luz clara e espaço suficiente, porque dificilmente esquecerá depois de homem as impressões de sua infância: junto com o leite materno, seus olhos e toda sua alma se abriam às impressões do mundo. Com imensa freqüência, as mais violentas lutas do homem consigo mesmo e suas maiores desgraças têm sua origem nesta primeira época.

Nunca é demais lembrar a importância que tem um bebê. Devem-se também comparar com seus respectivos filhos os resultados obtidos por aquelas mães que os amamentam com os daquelas que não cumpriram com o dever. Em ambos os casos, as mães sabem que o primeiro sorriso da criança assinala uma etapa transcendental de sua vida; constitui, pelo menos, uma expressão de sua personalidade corporal, física. Porém, pode ser mais: não só a sensação corpórea da própria pessoa, mas também o princípio de um sentimento de comunhão entre mãe e filho, princípio de outros análogos para com o pai e os irmãos, e depois para com os demais homens.

Este primeiro sentimento de comunhão – sentimento que une primeiramente a criança com a mãe, o pai e os irmãos – serve de base para mais alta e espiritual união, da qual nasce a certeza absoluta de que o pai, a mãe, os irmãos e todos os homens se sentem também unidos e em comunhão com algo superior, com a humanidade, com Deus. O sentimento de comunhão é, pois, o princípio, o princípio exterior, de toda a religiosidade verdadeira, de toda sincera aspiração à união perfeita com o Eterno, com Deus. A religião verdadeira, a viva, a que perdura através dos perigos e das lutas, através das necessidades e misérias ou das alegrias e prazeres, se inicia no homem desde o berço; neste momento, a criança já tem um pressentimento obscuro de que algo vivo, algo que provém da divindade, se manifesta no finito, no homem. E este obscuro pressentimento, esta consciência nebulosa, deve ser quanto antes cultivada, fortalecida e alimentada no homem para que possa logo aperfeiçoar-se e elevar-se à verdadeira e clara consciência. Isso é não só um espetáculo comovedor para ele que sem ser visto o contempla, mas também um augúrio de eterna beatitude para a criança – o costume da mãe que, ao depositá-lo no berço, eleva ao céu um olhar desde o fundo de sua alma, pedindo para seu filho a proteção daquele que é o pai comum dos dois.

E há outra cena que igualmente comove, que alegra, mas que por sua vez tem a maior importância moral para a vida presente e futura da criança. Quando ela acorda, serena, alegre e sorridente, levanta também a mãe seus

olhos até ao Pai comum, dando-lhe com os lábios trêmulos as graças pelo repouso permitido, pelas forças adquiridas, por aquele filho que Deus parece dar-lhe de novo a cada manhã. Isso também exercerá uma ação positiva sobre toda a vida que mãe e filho levam juntos. É aqui que a verdadeira mãe consciente dos maus desejos de outra pessoa não permite que se aproxime da criança dormindo no berço e a tome nos braços ao despertar.

A criança tratada assim por sua mãe está santificada no humano, no terreno e no celeste. Já fez sua oração. Descansa em Deus, princípio e fim de toda a existência. Este divino ponto de apoio, que se sustenta sempre firme e seguro, é o mais alto dom para a vida que os pais podem entregar a seus filhos. Porém, para o bebê é necessário que pais e filhos se sintam unidos, que se dêem, exterior e interiormente juntos, quando aspirem também a unir-se com seu pai celestial, quando elevem à Deus sua oração na íntima quietude da alcova ou no meio da natureza livre.

Não se diga que as crianças não podem entender estas coisas. Com este critério, as privaríamos do melhor e mais elevado. As crianças as compreendem. As compreenderam sempre, quando já não estavam corrompidas, quando não se sentiam já espiritualmente separadas dos seus pais. As compreendem não por conceitos, mas sim com o fundo do seu coração. A religiosidade – a vida interior em Deus e com Deus em todos os momentos da existência, em todos os estados da alma – muito dificilmente se manifesta com a plenitude de sua energia, se ela não tiver sido despertada desde a infância. Pelo contrário, um sentimento religioso cultivado desde os primeiros anos sairá triunfante de todas as tempestades e perigos do mundo. Este será o fruto dos primeiros exemplos paternos, quando a criança parecer não se fixar neles, quando a criança não se der conta de seu valor. O mesmo se passa com outra classe de exemplos dados pelos pais.

Isso não só se refere à educação religiosa, ao aperfeiçoamento do divino no homem, mas também tem uma importância extraordinária para toda sua formação geral. Em toda ela convém considerar o desenvolvimento humano como uma evolução que se inicia desde o primeiro momento e que se desenvolve de maneira contínua e ininterrupta. Nada é mais prejudicial e destruidor que estabelecer, na sucessão constante de cada vida, etapas excessivamente separadas umas das outras, distinções e divisões que nos impedem ver o que há de contínuo, de perene em cada evolução vital, o que constitui sua unidade e substância. Especialmente errônea é a separação das diversas fases de crescimento, das várias idades; menino e menina, adolescente, jovem e donzela, homem e mulher, ancião e anciã. Estas fases não estão realmente separadas; a vida nos ensina que não há descontinuidade entre umas e outras, mas que essas fases formam uma sucessão realmente indivisível. Quando se considera

o menino, ou o garoto, como um ser inteiramente distinto e separado do adolescente ou do adulto, há o perigo de esquecer o comum: o homem. Assim, não vemos o fundamentalmente humano na vida real, limitando-nos só a um frio conceito, a uma vã palavra – erro freqüente que exterioriza-se nas conversas vulgares. Já entre a criança e o adolescente estabelece-se uma separação absoluta – as etapas posteriores antecipam algo absolutamente distinto dessas primeiras. O jovem já não vê dentro de si a criança, nem a criança se descobre no adolescente; o jovem, tendendo a olhar o futuro, se esquece do adolescente e da criança que dentro dele existiram e não sabe ver na criança e no adolescente as premissas da juventude. Porém, o pior é que o homem adulto se desligou totalmente de suas idades anteriores: não reconhece em sua pessoa a criança, o rapaz e o jovem, e fala deles como se tratasse de outros seres de natureza inteiramente distinta.

Estas divisões, estes limites rigorosamente estabelecidos entre os sucessivos momentos do desenvolvimento humano, são originados geralmente por não ter prestado desde o início uma incessante atenção ao que se passa no curso da própria vida, e, por isso, são causa de constantes erros, de inúmeras perturbações, de obstáculos mais fáceis de assinalar do que de evitar. Só naturezas excepcionalmente privilegiadas conseguem sobrepor-se a estes obstáculos, a estes entraves impostos de fora pelo meio exterior em que vivem; mesmo vencendo-os, não será sem uma brusca decisão, sem uma atitude violenta que estorvará e muitas vezes destruirá outras manifestações do espírito. Por isso, o homem que tenha lutado com tais obstáculos descobre sempre uma certa violência interior, uma certa falta de espontaneidade.

Tal violência não ocorreria, se os pais considerassem as crianças em relação com as sucessivas idades e etapas da vida; não passassem por cima de nenhuma delas; se tivessem, sobretudo, presente que a energia e a perfeição do desenvolvimento em cada período dependem de todos e de cada um dos períodos precedentes. Isso é o que, com muita freqüência, esquecem os pais. Pensam que a criança é um adolescente quando chega à idade de sê-lo, que é um jovem ou um adulto quando alcança aquele número de anos que respectivamente se supõe para estas denominações. Porém, o adolescente não é adolescente, nem o jovem é jovem porque completaram determinada idade, senão porque em corpo e alma passaram ponto por ponto toda a evolução da infância ou da adolescência. Tampouco o homem chega a ser adulto por contar tantos ou quantos anos: o é por ter vivido e acumulado as experiências da infância e da mocidade.

Há também pais – muito dignos de elogios em outros aspectos – que educam a criança para que ela comporte-se já como um juvenzinho, e alguns para que o adolescente se manifeste como um homem formal, saltando por cima

de etapas necessárias e essenciais. Disse-se antes que os pais deviam ver na criança o adolescente e futuro homem; porém, vê-los e considerá-los, em princípio, como uma criança é algo totalmente diferente de ver e tratar a criança como homem, exigindo dela que precocemente se conduza. Os pais que têm tais exigências esqueceram que eles chegaram a ser bons pais e bons homens na medida em que antes viveram conforme a natureza dos diferentes períodos de sua existência, desses períodos que agora, crêem, deveriam suprimir de seus filhos.

Este critério, esta tendência em depreciar os primeiros estágios de desenvolvimento, criam logo dificuldades, quase insuperáveis, aos professores e educadores. Parece, então, que pode passar-se também por cima do ensino correspondente àqueles primeiros anos, e, portanto, nada é mais prejudicial para o garoto que propor-lhe prematuramente um fim exterior, preparando-o, por exemplo, para uma determinada atividade, para o desempenho de um determinado emprego. Nem a criança, nem o jovem, nem o homem devem ter outra aspiração, senão a de ser em cada período da vida o que este período exige. Será, então, cada uma das etapas como flor nova saída de brotos saudáveis. Cada etapa servirá de base às seguintes para dar-lhes o que elas pedem até chegar a plenitude: só um desenvolvimento suficiente em cada idade assegura o desenvolvimento pleno na idade seguinte.

Disso dependerá o estímulo a ser dado para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da atividade criadora, da produção de obras exteriores, do trabalho. No entanto, os homens têm hoje uma concepção falsa e superficial do trabalho, da atividade, da produção; por isso, o trabalho não se estende à vida, nem a envolve como um princípio vivificador – apenas é algo que pesa, oprime, rebaixa, estorva e mata.

Deus trabalha e produz eternamente. Cada pensamento divino se traduz numa obra, numa ação, numa criação. Cada pensamento divino se manifesta, se exterioriza com energia criadora até a eternidade. Quem duvida contemple a vida e a atividade de Jesus, contemple a verdadeira vida e a verdadeira atividade humana; contemple - se deveras vive - sua própria vida e sua própria atividade.

O espírito de Deus flutuou sobre o caos do indefinido e, removendo-o, deu-lhe forma, aparência, existência e vida às pedras e plantas, animais e homens. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Por isso, o homem deve trabalhar, deve criar o mesmo que Deus. O espírito humano há de flutuar também sobre o indefinido e sem forma e, removendo-o, há de produzir aparência e forma, exteriorizando, assim, o que constitui o fundo da essência e da vida do homem mesmo. Nisso consiste o sublime sentido, a profunda significação, a grande finalidade do trabalho, da atividade, da ação, e da criação – palavra considerada a mais adequada. A nossa atividade, todos os nossos atos e obras – sejam acompanhados da convicção clara ou, pelo menos, de um vago

pressentimento, de uma intuição imediata e viva – são exteriorizados a partir do nosso interior: damos corpo ao espiritual, forma à idéia, realidade ao ideal e existência positiva, finita e transitória ao princípio eterno que vive dentro de nossa alma. Dessa maneira, seremos verdadeiramente semelhantes a Deus e nos elevaremos por esta mesma semelhança a um conhecimento cada vez mais puro da divindade, a uma contemplação de sua essência, aproximando-nos, ao mesmo tempo, externa e interiormente, ao supremo Criador.

Também, nesse sentido, é eternamente verdadeira a frase de Jesus: *“Dos pobres é o reino dos céus”*, porque só eles compreendem todo o valor do trabalho, da atividade criadora. Também das crianças é o reino dos céus. As crianças se entregam com ingênuo entusiasmo a seu espontâneo instinto de atividade, quando não são perturbadas pela ignorante suficiência dos maiores. Não se pode admitir – apenas suportar – a idéia vulgar e deprimente de que o homem trabalha, produz, cria só para exteriorizar seu espírito, o que tem de divino, adquirindo, assim, consciência de sua própria natureza espiritual e divina e da mesma natureza de Deus. O pão, a casa ou os vestidos que obtêm, constituem o acréscimo, o complemento insignificante. Por isso, disse também Jesus: *“Busca primeiro o reino de Deus - ou seja, a manifestação do divino em vossa vida e por meio de vossa vida -, e todos os demais, o que para esta vida temporal faz falta, se os dará por acréscimo.”* E Jesus disse assim: *“Este é o meu sustento, fazer a vontade de Deus, executar fielmente o que Deus me confiou.”* Os lírios do campo, que na nossa percepção não trabalham, foram vestidos por Deus mais belamente do que pode Salomão adornar-se com toda sua magnificência. Mas por que os lírios não dão pétalas e flores, expressando e revelando, em todas suas manifestações, Deus e a essência divina? Os pássaros do céu, no nosso entendimento, não semeiam nem trabalham; porém – quando cantam, quando fabricam seus ninhos, quando nos mostram em mil e uma ações diferentes – não expressam o espírito, a vida que Deus lhes deu? Por isso, Deus os sustenta e alimenta. Os lírios do campo e as aves do céu devem ensinar-nos a manifestar o que Deus depositou em nossa alma, exteriorizando-o em atos e em obras, em formas materiais, de maneira que exija o tempo e o lugar, as condições e circunstâncias, que tornam, então, tão pequena essa manifestação, que nos apresentam como de extraordinário valor e transcendência. E quanto ao nosso sustento, estamos seguros de que Deus há de mostrar-nos mil caminhos para que, empregando nossa energia espiritual, escolhamos um para que nos permita satisfazer nossas necessidades materiais. Mesmo que todo o exterior nos falte, se soubermos suportar esta falta e nos sobrepormos resignadamente a ela, não diminuirá – antes deverá acrescentar-se a energia divina que podemos desenvolver. Todas as manifestações de nosso espírito, visto que se produzem no finito, aparecem sucessivamente no tempo,

ordenando-se em uma série. Por isso, é inevitável que – em qualquer momento próximo ou remoto de nossa vida – deixemos ou de traduzir em obras nossa energia – concebida como energia divina – ou, pelo menos, de dirigi-la para a ação; logo, nos encontraremos com alguma falta, com alguma dificuldade, com as coisas que não são como haviam sido – se, fiéis à nossa vocação, houvéssemos empregado sempre todas as energias espirituais, considerando-as como verdadeiramente divinas. Portanto, as leis que governam nossa existência exigem que, de um momento a outro, apareça o resultado de cada atividade. E se a atividade faltou, que resultado ou que fruto poderá produzir? Quando nos encontramos nesse triste caso, devemos recorrer a outro aspecto de nossa energia moral, à resignação, sobrepondo-nos à desgraça e preparando-nos resolutamente para evitar outras situações análogas no futuro.

Há, pois, um duplo fundamento, um duplo motivo interior e exterior - e como o primeiro encerra o segundo, um motivo transcendental, eterno - para que o homem, desde que nasce e começa a desenvolver-se, aprenda quanto antes a trabalhar, a produzir, a manifestar sua atividade em obras exteriores. Assim o exige, considerada em si mesma, a natureza humana. A atividade dos membros e dos sentidos da criança de berço é a primeira manifestação, o botão, a primeira tendência ao trabalho. Depois deste botão, vêm as frescas e delicadas flores do jogo, a modelagem e a construção. Este é o momento melhor para educar a criança no sentido de sua atividade futura. Todas as crianças, todos os adolescentes e jovens, sem nenhuma exceção, quaisquer que fossem sua situação e sua classe, deveriam empregar pelo menos uma ou duas horas diárias em um trabalho sério, na produção de objetos determinados.

Hoje a criança, o homem, aplicado ao trabalho intelectual, são absorvidos pelo conhecimento, pelo que carece de configuração material e exterior, descuidando demais do trabalho manual; assim, a educação por meio do trabalho, por meio da vida, é a mais direta e exequível, a mais própria para desenvolver de maneira viva tudo o que o homem é e possui. Tanto os pais como as crianças consideram o trabalho propriamente dito como algo prejudicial para sua personalidade e inútil para o futuro. Os estabelecimentos de ensino e educação deveriam esforçar-se em avaliar os males que se originam deste falso conceito. A educação atual, na casa e na escola, acostuma a criança à inanição física e à preguiça. Que soma de energias se quer desenvolver? Quanta força perdida! Seria muito conveniente que as lições atuais dedicassem algumas horas ao verdadeiro trabalho. Assim se fará um dia, porque hoje, diante deste desenvolvimento incompleto da energia humana – orientada só para finalidades exteriores – se perde a verdadeira medida da mesma; por isso, não se tem dela um conhecimento exato, uma apreciação suficiente.

Assim como importa começar quanto antes a educação religiosa,

importa igualmente não atrasar a educação para o verdadeiro trabalho. Uma primeira atividade, adaptada à íntima significação do trabalho, robustece e eleva os sentimentos religiosos: religião sem atividade contém o perigo de converter o homem em um burro de carga. Trabalho e religião marcham juntos; juntos nasceram: Deus, o Eterno, criou-os desde a eternidade. Que progresso se realizaria, se os homens se convencessem e penetrassem nessa verdade e, de acordo com ela, trabalhassem na vida! Porém, a energia humana deve não só desenvolver-se e atuar – repousar em si mesma, como quando se manifesta na religião, e produzir fora, como quando se trata do trabalho – mas também voltar-se sobre si, interiorizando-se em forma de economia, sobriedade e moderação. Falar em acrescentar algo mais para o homem que se tenha encontrado alguma vez em si mesmo? Onde se realizar, em sua primitiva unidade esta trindade inseparável – da religião, trabalho e moderação – estará o céu na terra. Ali estará a paz, a alegria, a salvação e a bem-aventurança.

Tentemos ver o homem na criança, consideremos a vida do homem e da humanidade na infância. Reconheçamos na criança o germe de toda a atividade futura do homem. Assim deve ser. Para que o homem se desenvolva totalmente na sua humanidade, é preciso que se veja na criança, reduzida à unidade, a totalidade das relações e dos aspectos da existência. Porém, a unidade não pode manifestar-se mais que desdobrando-se em múltiplas singularidades, e esta pluralidade de manifestações se expressa por uma sucessão, por uma série. Por isso, o mundo e a vida se desenvolvem na criança e para a criança só em forma de particularidades, só em série. E é necessário, também, que as diversas energias, as atitudes, as várias atividades dos membros e sentidos sejam desenvolvidos e educados naquela mesma necessária sucessão, naquela mesma ordem que aparecem para a criança.